

ID: 112396446

31-07-2024

# E se não voltássemos a votar?

**Não é ofim do mundo**



Pedro Adão e Silva

**V**otem em mim e não terão de voltar a votar. A afirmação tem uma história longa e foi agora repetida por Donald Trump.

Poderia parecer um dislate de campanha, uma frase dita no calor de um comício por um afamado charlatão, mas não é assim. Não só o apelo social da democracia liberal está crescentemente sobrevalorizado nas sociedades liberais, como há um caminho eleitoral que pode ser feito com a recusa da própria democracia. E não se pense nem que esse potencial está circunscrito aos Estados Unidos da América, nem que deve preocupar apenas os democratas em países com fracas credenciais liberais, como se vê, uma vez mais, na fustigada Venezuela. Já lá vamos a Portugal.

O que disse exatamente Trump há dias na Florida? “Daqui a quatro anos, não terão de votar

novamente. Vamos ter tudo tão bem resolvido que não vão ter de voltar.” O apelo dúbio, dirigido com candura paternalista ao eleitorado evangélico, que Trump declarou “adorar”, foi repetido várias vezes, culminando num ternurento “Cristãos, saiam e votem, só desta vez. (...) Não vão ter de votar mais, meus lindos cristãos”.

Há, tradicionalmente, uma categorização que é feita da nova direita populista como assentando numa conjugação de características da direita clássica, a aquiescência de uma sociedade assente numa ordem natural com vários tipos de desigualdade, com uma novidade relativa: a recusa de valores centrais da democracia liberal, entre estes as próprias regras do jogo democrático – da organização das eleições à aceitação dos resultados, passando pelo respeito pela Lei. Trump é um farol deste movimento, original, há que convir, mas não distinto de muitos outros exemplos. Não nos deixemos iludir: vivemos um período em que há uma ameaça estrutural às democracias, a normalização da direita radical.

Se, é certo, sempre houve direita antidemocrática, a novidade relativa está, nuns casos, no efeito de contaminação junto da direita clássica e, noutros, no



NUNO FERREIRA SANTOS

**“**  
**Vivemos um período em que há uma ameaça estrutural às democracias, a normalização da direita radical**

extraordinário crescimento eleitoral deste campo em países com uma tradição de eleições justas e livres. Um crescimento eleitoral que naturalmente não surge no vazio. Quando Trump não hesita em elogiar líderes fortes e autoritários (como faz de forma desavergonhada com Putin ou Xi Jinping), fá-lo com a consciência de que há mesmo um apelo eleitoral nas autocracias.

Recupero os resultados da resposta a uma questão colocada amiúde em estudos de opinião: “Era preferível que tivéssemos um líder forte que não tivesse de se

preocupar com o Parlamento nem com eleições.” Não só os níveis de concordância com esta afirmação são hoje muito elevados, como são comparativamente superiores entre os mais jovens e, ao contrário do que acontecia no passado, tipicamente tendem a não se alterar ao longo do ciclo de vida. Nos EUA, em diversos estudos, cerca de um quarto da população concorda com a afirmação, mas, em Portugal, de acordo com um estudo recente do Iscte-ICS, sobre os portugueses e o 25 de Abril, os valores são superiores – 34% concordavam com a asserção, enquanto 43% discordavam.

Talvez assim se compreenda porque é que, no processo de normalização da direita radical, compensa evocar a autoridade dos líderes fortes e escarnecer das regras do jogo democrático. Não se admirem, por isso, quando, também entre nós, nos for prometido que, se votarmos da próxima vez, não teremos de ser sujeitos ao incómodo de votar de novo. Um discurso que, estando longe de ser suficiente para vencer eleições, terá muito mais votos do que muitas das vezes queremos acreditar. Será uma questão de tempo. De muito pouco tempo.

**Colunista**